

Direcional Educador

Coluna: E agora, Professor?

Dezembro – 2012.

EDUCAÇÃO DIGITAL

Parte VI

De professor a educador-autor-mediador (II)

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

Na dimensão complexa da atualidade quais os aspectos centrais que merecem a atenção do educador, quanto ao seu posicionamento social e visão da escola no mundo? Como a cultura digital está mudando, profundamente, as relações professor-aluno? Como as instituições da educação básica têm se posicionado nesta transição de paradigmas: passivas, ao sabor das ondas da inovação, ou ativas, contribuindo para uma reinvenção da própria escola?

Se as questões prementes da atualidade forem devidamente observadas, equacionadas e solucionadas será possível transformar uma educação e uma escola que vêm a reboque do mundo, em um processo e uma instituição que lhe seja contemporâneo, atenta aos desafios desse tempo, com uma atitude perante a sociedade que evidencie, sem maquiagem que rapidamente se desgasta, seu potencial e efetividade em contribuir para a formação de cidadãos que se mostrem capazes de terem uma vida digna, e socialmente produtiva.

A escola hoje não faz isso, e a educação básica ainda que venha tendo crescente atenção dos governos que se sucedem no Brasil, principalmente a partir da década de 90 do século XX, ainda estão muito aquém do necessário para atender, efetivamente, à sociedade. E, sem educação que propicie formação ampla e qualificada, se vai cada vez menos longe.

Estas considerações não alcançam algumas instituições e escolas que vêm sabendo se reinventar nas últimas décadas. Há, de certo, escolas na educação básica que têm um plano firme e de longo prazo para promover a inovação na educação, estudando o perfil dos estudantes, das famílias e da sociedade de forma mais ampla.

Estas poucas escolas vão se constituindo em referências para a educação contemporânea, e não é o nível socioeconômico das famílias que necessariamente define isso, pois há exemplos notáveis em escolas públicas brasileiras localizadas em

estados fora do eixo sul-sudeste, que se destacam em vários indicadores nacionais, um deles, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Então, o que define estes polos diferenciados?

Atitude, gestão, compromisso e investimento dentro do possível.

Quando a escola vai além das proposições registradas no papel, que tudo aceita, e de fato abraça um projeto coletivo em que gestores, especialistas, educadores e estudantes se integram em um projeto comum, mas incomum, os resultados não tardam a aparecer.

Se com este cenário se contar ainda com alguns princípios da Educação Digital, os resultados poderão ser ainda mais surpreendentes e, o que é melhor, eis uma escola em sintonia com o mundo, criando interfaces com ele, e transformando-se no lugar próprio da educação contemporânea. A instituição que vinha a reboque pode, agora, caminhar lado a lado com a sociedade de seu tempo.

Não se deve imputar ao professor a responsabilidade direta pelo que se espera da educação, mas ainda não se tem. Tampouco se pode fazer de conta que este profissional não tem um papel fundamental na educação formal. No entanto, é preciso ressaltar que sem uma iniciativa de foro íntimo que envolva uma efetiva pré-disposição do educador para se manter atualizado, rever princípios, métodos e tecnologias de ensino, sem se descuidar ainda de conhecer os temas contemporâneos de sua área de conhecimento fica praticamente impossível alterar os rumos da educação.

Os passos podem ser mais difíceis no começo, mas à medida que vai criando desenvoltura às possibilidades efetivas vão se ampliando e, em pouco tempo, o educador aberto e disposto a permitir-se em sintonia com a atualidade social local e mundial aumenta a probabilidade de alterar sua própria trajetória, semeando novas oportunidades profissionais e pessoais.

É neste cenário em que se areja o ar, permitindo que o aroma da renovação permeie todos os espaços do fazer profissional e pedagógico.

As contribuições crescentes da Educação Digital no que se refere a princípios, processos, metodologias, tecnologias e mídias podem ajudar e muito o professor que almeja construir um perfil de educador-autor-mediador.

Mas o que vem a ser isso?

Normalmente é dada uma prevalência aos autores de obras didáticas, como se autoria fosse um atributo exclusivo dos mesmos. O que frequentemente esquece-se é de que o educador é o autor de todos os dias.

Quando um educador planeja seu curso, suas aulas e vai para o encontro diário com os estudantes está realizando autoria pedagógica. O seu fazer é um fazer de autor, pois é atributo docente criar as formas de intervenção e mediação que viabilizam e tornam efetivo o ato educacional formal. Sem esta valiosa contribuição não se faz educação.

A Educação Digital, contando com ferramentas como um LMS (sistema que será estudado e utilizado na prática no terceiro acesso desta obra), permite que o educador efetive sua autoria, com maior amplitude e profundidade. Melhor que isso, se um educador desenvolver um conteúdo complementar para ser compartilhado com os estudantes, ao final da aula este conteúdo não irá virar, literalmente, pó de giz, pois estará armazenado no LMS pelo tempo que for preciso e, ainda, poderá ser atualizado a qualquer momento.

Com as ferramentas dedicadas à Educação Digital, um educador vai progressivamente, mas pode ser também aos saltos, se constituindo em autor, pois os documentos que produz passam a se integrar às obras, textos e outros documentos que já utiliza, sem que esta integração represente junção definitiva ou desrespeito a qualquer princípio da Lei de Direitos Autorais. Estes aspectos agregam valor ao perfil profissional do educador, daí a razão da epígrafe 'educador-autor'.

A mudança de perfil nos estilos de pensamento, linguagem e comportamento observados nos estudantes, remete a um conjunto crescente de estudos na atualidade que reportam aspectos culturais, psíquicos e neurológicos que se voltam a compreender como os jovens tratam a informação e como as mídias modelam a plasticidade cerebral, alterando padrões afetivos e cognitivos.

Como visto anteriormente neste acesso, as tecnologias da comunicação (e, ressalte-se importante aspecto, não estritamente de natureza digital, mas desde que a experiência humana da fala e comunicação se manifestou na espécie humana), vale a pena reler o registro de Lion (1998), baseando-se em Vygotsky:

As tecnologias da comunicação são como utensílios com os quais o homem constrói realmente a representação que, mais tarde, será incorporada mentalmente e se interiorizará. Deste modo, nossos sistemas de pensamento seriam fruto da interiorização de processos de mediação desenvolvidos por e em nossa cultura. (LION, 1998, p. 31).

A cultura digital convida e impõe a experimentar novos padrões de comunicação, os quais estão intimamente relacionados com a forma de desenvolvimento das chamadas funções psíquicas superiores, conforme denominadas por Vygotsky, responsáveis pelo “homem ser humano”, o que o faz um ser da cultura humana e não um ente estritamente biológico.

Compreender esses aspectos é aceitar um convite para a mudança de padrões interiores, ser de fato um educador novo, educador-mediador.

O entendimento científico mais profundo do que venha a ser o conhecimento, como ele é produzido, disseminado através da informação estruturada armazenada biologicamente, ou em meios físico-energéticos, para ser reconstruído por cada ser humano num processo sem fim, implica em uma contundente consequência pedagógica e para o educador: ninguém educa ninguém. É impossível transportar conhecimentos da cabeça de um algures para alhures! Se o comportamento de alguém muda como decorrência de ato violento, não se pode afirmar que houve “educação”, mas sim o registro de um trauma que afeta e afetará, por longo tempo, o comportamento da vítima.

Diante desses fatos e dados o que “resta” ao professor?

A resposta pode ser: tudo, tudo por fazer, desde que sua perspectiva seja a de um educador-mediador.

Por vezes se registra uma conotação negativa ao termo ‘mediador’, como se isso significasse distanciamento ou falta de compromisso pedagógico do educador para com os estudantes. Engano, pois uma coisa nada tem a ver com outra.

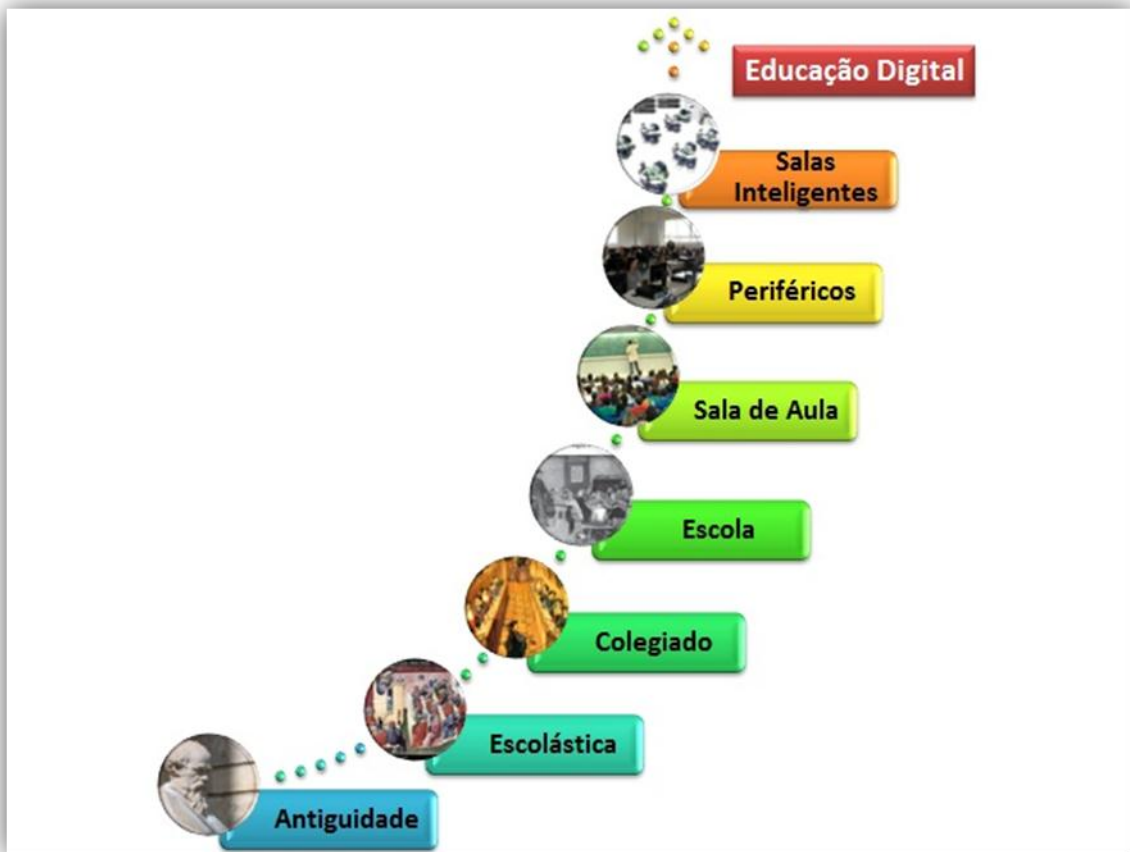
Agir como mediador é conhecer como funcionam os processos afetivo-cognitivos, identificar os limites efetivos das possibilidades oferecidas pelas pedagogias, ser capaz de criar tecnologias (isto é, soluções) educacionais que estejam em sintonia com o público-alvo e que se mostrem produtivas por evidências

qualitativas e quantitativas relacionadas à aprendizagem e, além disso, saber se utilizar dos meios contemporâneos que dão suporte à educação.

Há uma diferença sutil entre saber se utilizar de algo e (saber) utilizar algo. No primeiro caso o que está em jogo são decisões e estas são afeitas às competências; no segundo, o que predomina são as habilidades; estes saberes são distintas modalidades do conhecimento tácito como já visto anteriormente. Um educador-mediador não precisa saber tudo o que um aluno seu sabe a respeito do uso de um determinado equipamento digital, mas pode fazer a diferença sabendo como se utiliza do mesmo dispositivo com fins educacionais. É precisamente aqui que reside a diferença!

Com esta percepção o educador não precisa se sentir refém, amedrontado e acuado diante do novo, pois os estudantes são o novo, mas pode perfeitamente estar em sintonia com o que há de mais recente, pensando como pode se utilizar de tais recursos com fins educacionais. É aí que a autoria docente volta a crescer, a falar mais alto e a contribuir decisivamente para a elevação da qualidade e diferenciação dos processos educacionais, informalmente dizendo que sai da mesmice do todo dia, no chão de uma sala de aula.

O educador-autor-mediador é o perfil do profissional da educação que faz parte do presente, tem o olhar no futuro e não mais no passado. É dele que os países precisam, vitalmente, todos os dias.



Modelos educacionais: de uma forma aproximada, o gráfico apresenta os principais marcos históricos da educação, numa perspectiva que integra paradigmas com modelos pedagógicos, tecnológicos e técnicos, incluindo-se aí as mídias afeitas aos processos de comunicação, em cada marco.

- A comunicação é fenômeno recorrente central para a educação. Na interface humana ela se apresenta com seus aspectos internos (pensamento e linguagem) e externos, na interação social da pessoa com o mundo. Para cada modelo educacional existe um perfil preponderante de comunicação.
- Comunicar não significa transmitir conhecimento, já que este se refere a aspectos interativos de foro íntimo e entorno social. O que se veicula é informação, processada por mídias.
- Na atualidade, quando a produção cultural que engloba praticamente todas as áreas do conhecimento cresce a uma taxa inédita, a informação proporcionalmente gerada é veiculada pela teia digital. Este cenário se vincula às complexas demandas da sociedade contemporânea e ao atendimento às mesmas, através de processos de comunicação.

Referências

CARVALHO NETO, C.Z. **Educação Digital**. São Paulo: Laborciencia Editora, 2012.

_____. **Educação Digital: paradigmas, tecnologias e complexmedia** dedicada à gestão do conhecimento. Tese de doutoramento. Florianópolis: PPGE/C/UFSC, 2011. (Disponível em: <http://www.carvalhonetocz.com/publicacao-academica/>. Acesso em 02/06/2012).

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem pós-doutorado realizado em educação digital pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e doutorado em engenharia e gestão do conhecimento pela UFSC. É mestre em educação científica e tecnológica (UFSC) e especialista em qualidade na educação básica (INEAM/OEA/USA). Suas licenciaturas são em Física e Pedagogia (PUCSP). É fundador e atual presidente do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE) e fundador-diretor da Laborciencia Editora. www.carvalhonetocz.com
e-mail: carvalhonetocz@gmail.com